

A LAGRIMA

Quinzenario Illustrado

Ed. responsavel: José Francisco da Silva

Barcellos, 20 de maio de 1900

Red. e offic.: Typographia Barcellense

Mez, 40 réis; Trimestre, 120; Anno, 480

DR. MIGUEL P. DA SILVA

A «Lagrima» no justo empenho de intercalar no seu *album* os retratos dos cavalheiros que mais se distinguem em o nosso meio pela nobreza do seu caracter e pelo quilate das suas virtudes civicas e moraes, tem empregado to los os esforços para haver á mão as photographias que ambiciona, o que nem sempre lhe tem sido facil, no intuito de levar por diante o seu grande *desideratum*.

Não lhe fora facil a aquisição da que hoje reproduz, e que, de ha muito, amolecionava, para ir enriquecendo a sua galeria de retratos, no que ella tem de mais cavalheiroso e de mais estimavel.

Não é só a nossa comarca de Barcellos que bem conhece o sr. dr. Miguel Pereira da Silva; o nome do illustrado funcionario é conhecido por muitas comarcas do paiz, que o consultam como um dos mais distinctos conservadores, que serve de modelo e de mestre a muitos dos seus collegas no exercicio de tão importante cargo publico.

Filho de uma das freguezias ruracs do nosso concelho de Barcellos, este respeitavel cavalheiro, apenas se formou em a facultade de direito, veio fixar a sua residencia n'esta villa, abrindo banca de advogado.

N'esta profissão serviu s. ex.^a o cargo de vereador municipal, tendo por companheiros—dr. Faria Barbosa, dr. Salazar e outros cavalheiros da nossa primeira sociedade, de cujos nomes nos não recordamos agora.

No exercicio das suas funções como substituto do juiz de direito, e delegado mesmo, mostrou sempre, o nosso illustre biographado, a maior exempção e o subido apurmo do seu caracter.

Ha muito que occupa o lugar de conserva-

dor n'esta comarca, o que lhe tem conquistado, pelo seu saber e pela rectidão do seu porte, a maior consideração e estima dos que mais prezam um funcionario exemplar.

O dr. Miguel Pereira da Silva, olhado pelo lado individual, fóra sempre um filho estremo, um irmão affectuoso, um esposo dedicado, um pae extremosissimo e um amigo prestimoso e sincero.

A «Lagrima» ao emmoldurar-lhe o retrato em estas linhas tão ligeiramente traçadas, paga um tributo, que deve, e satisfaz a uma, das exigencias instantes do seu programma. A.

JOAQUIM LEITE

Recebemos, por amabilidade d'este nosso illustre amigo, o «Relatorio» da Santa Casa de Amaranite, respeitante a 1899.

Expatriado voluntariamente de Barcellos, é n'aquella risonha villa que o ex.^{mo} sr. Joaquim Leite applica a liberalidade do seu tempo a cuidar caridosamente da escripturação archaica da casa, para lhe dar a feição apuradamente commercial que hoje tem. A velal-a, a zelal-a!

A Misericórdia de Amaranite deve muito a elevação do progresso a que chegou, ao barcelense que nos honra!

De *visu* avaliamos o seu trabalho—que praticamente o relatorio justifica.

Muito obrigado.

Antonio de Azevedo

O sr. Antonio de Azevedo dizia-nos em tempo—tempo sereno de verão—por aquella estrada real que de Barcellos corre até Vianna, de margens muito apinheiradas, que não lhe seria indifferente fazer a historia do jornalismo local, desde a celeberrima folha o «Barcellense».

Estava já, então, enfarinhado o sr. Azevedo



nas lides da imprensa e continuou a estal-o, até que um dia se viu em collisões difíceis, collisões que tanto podiam crear ou firmar um caracter, como perverter—o homem!

Aqui, vimol-o *preparicar* de penna na mão, saindo d'aquella linha que capricha manter no fato.

E—com este facto—ficou para a critica, o sr. Azevedo, nas excepcionaes condições de não poder fazer historia—«a mestra da vida», como lhe chamou Herculano—porque o historiador não basta que seja justo, imparcial e investigador, necessita, por igual, a auctoridade da virtude.

Exauctorado, pois, o sr. Azevedo—e por suas proprias mãos—*descendo para baixo* (todos os santos o ajudaram), elle em vez de proclamar ideias, ou defender princípios, inutilizou-se atacando individuos!

Assim andou no «Commercio», na prosa e no verso, arrancando ao cerebro, sob partos laboriosos, montões de palavras, até que amuado em politica—*politica* de que elle não leu sequer a *primeira pagina*—se despediu d'aquella nosso collega.

... E então que nós barcellenses nos impertassemos com isso!... Não tinha que nos dar satisfações, pois nada nos prestou como progressista e peor como redactor do «Commercio».

Com muita frieza d'espirito—madurando bem—nós fomos muito *agrestes* n'essa occasião, dizendo aos confrades d'essa folha, que achavamos descabida, por muito forte, aquella *pancada* de qualificativos, com que bordados os periodos acompanhadores da *carta-despedida* do sr. Azevedo, que inseriram no periodico em questão.

O sr. Azevedo, fôra sacrificado n'esse n.º do «Commercio»—por excesso, talvez de amidade—a aguentar amabilidades, que eram descaídas ao seu intellecto.

Chegaram a *classical*-o de «talentoso», de «artista» e de «sentimental»!

Morreu no jornalismo do Barcellos o sr. Antonio de Azevedo (escrevemos n'essa altura) *a terra lhe seja pesada!*

¡Morreu! Não! E chegamos onde queriamos. O sr. Azevedo, n'aquella mesmissimo «Commercio» d'onde deixara de fazer parte, vem ressuscitado defender-se, debaixo do anonymato, d'uma local da «Folha», que, pelos modos (isto é symptomatico), achava improprio o qualificativo de *intelligente* dado n'aquelle semanario e que lhe era por gentileza dirigido!

E chegamos onde queriamos.

Sim, é que se o sr. Azevedo fizer a «Historia do jornalismo barcellense», nós nos encarregaremos da sua biographia!

Dirá: «Mas nós não escrevemos nada no «Commercio», um vez saímos d'elle.»

Sr.:—então, affirmaremos, algum veio compromettel-o. Sim!

E' a mesma enfiada de palavras; o mesmo torcido e retorcido d'estylo—confuso, allucinado que explora. A pequenez de inuitos lá está.

No «Commercio» é simples a escrever o sr. padre Paes, despretençioso o sr. dr Ramos, são bem salientes as noticias do sr. Figueiredo!
«O stylo é o homem».

Ah! sr. Azevedo, tenha paciencia, mas inexoraves diremos (é lei) que—felizmente—«a responsabilidade do individuo, está na razão directa da capacidade do mesmo»!

Ouçã-nos bem.

E' ao homem que escreve que fallamos!

Presentimento...

«Que tens querida? a fronte vincada

Tem a sombra feroz d'uma aliciação!

Tu soffres, tens a vida envenenada,

Estilla amarga fel teu coração!

«P'ra que escondes de mim um só pesar?

E' um desejo ou é nma saudade?

Oh! diz-me o que é que assim te faz pensar,

Cercar-te de tristeza o s ledade!»

«Quanto daria por te ver sorrir,

Para ver nos teus olhos a ventura,

Os teus labios d'amor a rellorir!...

—Uma estrella a brilhar em noite escura!

«Tudo! A minha vida, a minha esperança,

Thesouros encantados, diamantes;

Jóias reaes, e ... até o ceu, creança!

Para que tu sorrissees como d'antes!

«Vál Pede ao teu amante o impossible,

E aos teus pes tel-o háis por vez primeira!»

—Pois bem, vae ouvir:—tenho um medo iacriavel

Que após tanto jurar, liquo solteiro!»

Pelos geitos a redacção da «Voz Publica», reunida em concilio, resolveu dar um mandalo de despejo ao individuo que d'esta villa, para aquelle nosso illustrado collega fazia o papel de correspondente, passando a vara de seu representante, aqui, a outra pessoa.

E por muitas razões.

Elle sustentava que a «Collegiada estava (na

A LAGRIMA

semana santa) completamente ás escuras, apesar d'um clarão de luzes que vinha lá de dentro»; que aquilo «parecia estar-se n'uma noite de trevas, apesar de ser quinta-feira de trevas», e que era tal a escuridão «que ninguém, então, se via e podia-se bater á vontade».

Depois queria estar com Deus e o Diabo a bem, d'esta forma.

Na «Voz Publica» escachava o sr. D. Prior, dizendo que «s.rev.^a apesar de ganhar 1:200\$000 por anno, livres, se escusava a fazer certas solemnidades do culto interno» e na «Palavra» defendia-o.

«Que os tempos iam muito bicudos e um conto e duzentos não era nada, a carne tinha subido um pataco em kilo, a pescada ninguém lhe chegava e o sr. D. Prior para viver decentemente tinha de dar para traz ás despesas do culto e do prato.»

Mais claro—o sr. Zé Preira ia pela vida jornalista fóra, como o outro ia sobre uma ponte: —«Deus é bom mas o Diabo não é mau».

Theatro Popular

Vae hoje a scena, n'este amplo e commodo barracão, a vistosa magica o «Príncipe Escarlante.»

Como o desempenho, das peças anteriores no seu conjuncto, tem agradado, é de esperar que o publico não regateará a sua presença e a justiça do seu applauso.

A companhia, bastante completa, vem precedida de bom éxito, conquistado em a nossa augusta visinha Braga, onde o seu escolhido repertorio atrahiu numerosa concorrencia e selectas palmas.

O Praina—individuo estragado pela confiança que lhe têm dado—é o individuo que dá mais sorte com a «Lagrima».

Depois do pae dos filhos de Zebedeu, é elle o typo mais estrambotico da Porcalhota, a tal respeito.

Isso faz mais barulho que o rugido d'um leão...

Assim, n'outro dia, beliscado por nós, não houve cousa que deixasse de dizer; por exemplo:

—«Que só embirramos com os pequenos e não com os grandes» (o que é falso).

Todos sabem que o Praina não é nenhum tarreco, mas antes um latagão.

—«Os senhores da «Lagrima», dizia elle, embirrarão commigo, mas tenham a certeza de que eu, tambem, hei de ser um jornal que os fustigará.»

Ora nós, ao Praina jornal (sem responsabilidades, já se sabe) desde já lhe pedimos a fineza da permuta ou da troca e desejamos longa vida ao collega e prosperidades.

Antonio Leite

Apertamos em nossos braços, com sinceridade e affecto, este nesso amigo fundador da «Lagrima».,

Que isto succeda por muitos e dilatados annos e nós—como recompensa—os contemos na graça do Senhor. (Amen)!!

Os empregados do commercio cá da localidade, têm tido grandissima difficuldade em conseguir dos respectivos patrões, fechar as portas dos tambem respectivos estabelecimentos, aos domingos.

Uma commissão d'aquelles empregados procurou-nos hontem n'esta redacção afim de os conajuvarmos n'esta nossa campanha de benemerencia, que de ha muito vimos levantando.

E têm razão os pobres rapazes senão veja-se: não descansou Deus tambem no 7.º dia do seu trabalho? E' verdade; por isso dô-se a Cezar o que é de Cezar.

Alem d'isso concordem os patrões que já não estamos na epocha em que só aos quarenta annos de baleão se deitava o tradicional laço preto. Vejam como elles se pavoneam por essas ruas, calçando luvas, botas de polimento, labiata, penante, gravatas de seda, plastrões etc. etc.

O empregado do commercio d'hoje já não é o caixeiro d'outros tempos, mercede outras regalias para se condunarem os costumes da epocha.

Fechem pois, senhores negociantes, as portas dos seus estabelecimentos aos domingos, deixem os rapazes tomar ar fresco dos campos, deixem expandir a sua alegria em carros, em bailes, e tudo o mais que a sua juventude folgazã lhes suggerir.

Nós cá estamos sempre promptos para sermos o tribuno d'aquella desprotegida classe, sempre no nosso posto de conselheiros da benemerencia publica e particular e voltaremos a tratar do assumpto, se as nossas palavras não forem attendidas como merecem.

Avante, pois!...

A sr.^a Marianna Marques foi na perigrinação a Roma.

Quando d'esta villa se dirigia á estação do caminho de ferro, o velho Pegas perguntou-lhe se ella levava o bacalhau, que costumava por economia fritar em casa para comer nas feiras onde costuma pôr tenda de lenços; panus erus etc.

A sr.^a Marianna respondeu, batendo na algibeira, que o que levava era a quantia de 400\$000 réis!

*

Esta mulher segue até Roma, não leva habito como os antigos peregrinos nem as conchas vieiras, nem se amarra ao berdão da praxe;

A LAGRIMA

não vai descalça; vai meio senhoril e meio aldeã; uma sacca de chita na mão, meia duzia de meias de algodão dentro, duas camisas, um lenço de mão!

E esta mulher, não viaja como bôa catholica—porque o não pôde ser quem tem um filho infeliz, que não protege, o qual se sacrifica, para não morrer de fome, á humilde profissão de engraxador!

Lá vai! Ella que tem economisado ha muitos annos, por centenas de feiras, os seus rios eobres, aos tostões, fugindo á farta alimentação da bocca, arrisca-se a esta extravagancia de... 400\$000 réis.

—E depois... volta de Roma, sem talvez poder dizer que viu o Papa!

Antonio Azevedo—Agradecemos as palavras que nos dirige o amigo e collega do «Progresso», d'Espozende, respeito á homenagem que prestamos ao sr. Antonio Azevedo.

Notas diversas

O maior alvoroço da passada semana, foi o constar que andava na feira um leão e uma leôa.

Deram-se com esse alarim, peripecias, casos de muitissima graça.

O Jeronymo Monteiro fugiu para cima do telhado; o José Maria Paes da Silva, metteu-se no forno; o João de Oliveira escondeu-se na famosa garrafeira de vinho branco, intitulado «31 de Janeiro».

Final, sabido que foi boato sem importancia, veio-se ao conhecimento que os leões não eram das feras em exposição ahí em Barcellos, mas o nosso amigo Leão, dig.º 1.º sargento do 20, e a Leôa, da rua das Capellas.

* Como é no fim do corrente mez que faz annos o nosso collega Domingos Carreira, resolvemos fazer-lhe uma grande surpresa expositanea.

Convidal-o para executar nas salas da nossa redacção, o famoso trecho do «Carnaval de Venezia», em que é exímio.

E pedir-lhe desculpa da massada.

* A Brites, da rua Nova de S. Bento, fez a sua estreia artistica no theatro Popular.

Não andou bem, porque é muito pisada. No entanto teve o merecimento de nos fazer rir.

* O Praina cumprimentando o revd.º padre José Dias Velloso, disse: «Então V. Ex.ª vem assistir á audiencia lá da gente da beira?»

—Que beira seria esta:—Beira Alta ou Baixa ou Beira (Africa)?

* O sr. Bento Moreira vende chapéus de pelo próprios para mulher.

Ha dias um lavrador pediu-lhe esse artigo, assim: «Mostre-me chapéus de pelo de mulher.»

* Um patusco das nossas relações ceiou no h. do Cavado qualquer petisco, que vinha composto com cenouras. Esqueceu-se, porcm, do

nome d'este legume e, procurando lembrar-se, ia dizendo a um amigo: «Era assim uma cousa como celouras, ceroulas...»

* Como se diz ahí que as correntes electricas descem e podem da Afurada aqui, por consequente, dar mais poder illuminante, nós dezerjávamos saber se essas ditas correntes poderiam vir em barcos, pelo rio Cavado abaixo, para mais economia.

* Ha dias notava-se que, n'um quarto dos sargentos do 20, havia um reboliço, um movimento não vulgar. Em todos os cantos se remexia, como procurando uma preciosidade muito rara, em todos os rostos se lia uma profunda ansiedade e immensa dôr... Chegou-se ao conhecimento de toda esta historia.—Que um official inferior, na sua pertinacia de não querer que se sirvam os seus camaradas dos objectos destinados ao seu uso, esconde tudo n'um armario, bem fechado a chave. Um dia d'estes até não chegou a escapar á exquisita extravagancia, um bacio de cama, com o competente liquido!

Lá estava no armario, cheio, a ammoniacar deliciosamente os livros, e peças de vestuario.

Quando lhe apeteecer é capaz de meter a retrete no armario...

* E' nos garantido que o Gonçalo David apresentou ao João Vallongo (encarregado da escripturação dos expostos) o Paes de Faria, afim de lhe ser concedido pela Camara o subsidio de lapação, encarregando-se aquelle nosso amigo de conseguir a ama.

* Pode-nos para sermos interpretes junto do Manoel Russo, afim de que elle deixe de usar continuamente lapis na orelha.

* O nosso Soucaux, com o seu chapéu novo, quer parecer R. Ortigão. Dar-se ares de crítico! (Que fedôr!)

* Lê-se no «Commercio de Barcellos», do ultimo domingo: «Faz amanhã annos o sr. Antonio Gonçalves da Costa.» Ora como este sr. (Morgado de Regainho) já falleceu ha tempo, os collegas quererão dizer—que faz annos que morreu.

* Enxertado o Byscaia com um garfo Zé Lisboa, dá o resultado de sair o Antonio Cara Alta.

* O Antunes chama áquella «choldra», do bico amer. bico Aurelio!

* O Zé Mathias dizia-se em conversa, admirador do D. Eguas de Mariz!

D. Eguas Moniz sabe-lo isto, mette como um raio a mão pelo tumulo fóra e offerece-lhe uma garrafa de vinho branco espumoso, em signal de gratidão. E tornou a metter a mão dentro.

* Um lavrador queria por força que o João Mathias vendendo-lhe uma vara e uma quarta de pau de linho para uma toalha, lhe medisse a vara e pesasse a quarta.